



Dramaturgias da sombra

Alexandre Fávero

Companhia Teatro Lumbra de Animação - Porto Alegre





PÁGINA 146: (acima) Espetáculo *Transapiens* (2006) e (abaixo) *Poemas Noturnos* (2009), Cia Teatro Lumbra - Fotos de Alexandre Fávero

PÁGINA 147: Espetáculo *A Salamanca do Jarau* (2007), Cia Teatro Lumbra – (acima) Foto de Alexandre Fávero e (abaixo) Foto de Chan



Resumo: O texto apresenta reflexões e conceitos que norteiam as investigações e as práticas teatrais da Companhia Teatro Lumbra de Animação nos seus processos de pesquisa, formação, criação, produção e encenação com o teatro de sombras. São conclusões ainda provisórias, baseadas em diferentes experiências realizadas com distintos públicos para formar um registro teórico dos procedimentos práticos utilizados para desenvolver as dramaturgias dos espetáculos e das performances que compõem o repertório da companhia. Alguns desses estudos procuram organizar o processo criativo do sombrista e aperfeiçoar a ideia de uma sombratização na arte de representar obras com sombras, luzes e sons.

Palavras-chave: Teatro de sombras brasileiro; dramaturgias da sombra; Cia Teatro Lumbra.

Abstract: This text presents the reflections and concepts that guide the investigations and theatrical practices of the Companhia Teatro Lumbra de Animação in its research, education, creation, production and rehearsal processes with shadow play. The conclusions are still provisory, based on a variety of experiences conducted with different publics to form a theoretical register of the practical procedures used to develop the drama of the spectacles and the performances that compose the company's repertoire. Some of these studies sought to organize the creative process of the shadow puppeteer and to perfect the idea of a shadowing in the art of representing works with shadows, light and sound.

Key words: Brazilian shadow theater, shadow dramaturgy; Cia Teatro Lumbra.

O lado obscuro da dramaturgia da sombra

No meu entender um dos princípios mais elementares de dramaturgia se refere aos recursos e aos procedimentos que são utilizados para compor ou representar uma narração. Penso na existência de diferentes dramaturgias no meu processo de pesquisa, experimentação e recorro a uma ampla variedade de referências, conhecimentos e possibilidades para a criação de obras com as sombras. O desenvolvimento de cada projeto implica no estudo de diferentes conhecimentos para os desdobramentos no processo criativo, por isso parto dos conceitos e conexões mais simples para alcançar resultados cada vez mais complexos, tendo como elementos dramáticos primários o escuro, o silêncio e as interferências sobre esses dois. As dramaturgias do teatro de sombras que procuro e encontro são fenômenos ligados intuitivamente à sombra e só depois ao teatro. Percebo que ao planejar cenas me aproximo cada vez mais da criação de sombras teatrais, pois as descobertas e as dúvidas que giram em torno dessas investigações com esse gênero são exercitadas e pensadas como composições fotográficas e planos estáticos para depois ganharem uma dinâmica cinematográfica, projetada, sobreposta ao vazio e ao equilíbrio que o escuro e o silêncio inspiraram.

Nem sempre esta situação imaginária feita uma folha de papel em branco ou um filme virgem estão disponíveis e nisso reside uma das dificuldades de encenar com sombras. Por não serem fáceis de congregar nos ambientes de trabalho onde pesquiso, crio e atuo, parte da investigação recai sobre esse espaço da sombra. Nessa busca, muitas vezes utópica, em virtude das forças externas que atuam sobre o escuro, concretizo parte desse conceito. É uma forma técnica com um único e determinado fim e, por se tratar de sombra e luz, paradoxalmente funciona como ponto de partida para conceber e planejar diferentes tipos e intensidades de interferência. Interações de diferentes amplitudes que quando desequilibram essa situação de neutralidade idealizada geram instabilidades e tensões entre o escuro e a luz, o oculto e o aparente, o silêncio e o som promovendo algum tipo de valor expressivo. Cada um desses elementos que

interferem é experimentado para o melhor aproveitamento do potencial significativo aos sentidos do espectador. A partir desses primeiros resultados sugestivos e dinamizados em improvisações surgem novas perspectivas para que os diferentes efeitos interajam entre si amplificando cada imagem e som de maneira instigante aos interesses do espectador. A aleatoriedade dessas experiências, quando observadas, analisadas, planejadas e controladas oferece um caminho processual que determina as dramaturgias dos espetáculos e cenas da Cia Teatro Lumbra¹.

Só o que pertence à sombra, a esse gênero de arte interessa. Quanto mais conscientes forem as manifestações de luz no espaço escuro, mais potencializadas serão as sombras e aquilo que surge delas. Assim o sombrista² do Teatro Lumbra protagoniza a ação no espaço e no tempo provocando interesse aos sentidos do espectador. Todo o resto, antes ou depois, dentro ou fora, estará em estado de suspensão, distanciado, apartado, oculto, silenciado, pronto à prestar serviço e provocar os sentidos do espectador. É essa materialidade dramática para o espectador decifrar que indica ao criador da cena de sombras os critérios para a escolha planejada de cada forma, objeto, procedimento, material, intensidade, movimento, sequência, a fim de formar um conjunto de signos em um determinado período de tempo (tencionados dramaticamente por outros critérios temáticos ou técnicos de restrição, similaridade, sugestão, paradoxo, deformação, duplicidade, abstração e variantes dos desdobramentos imagéticos e sonoros) gerando combinações e oscilações dentro de

¹ Companhia de teatro de animação sediada em Porto Alegre/RS, fundada no ano de 2000 por Alexandre Fávero. Tem por objetivo a difusão e a popularização do teatro de animação encenando temas, lendas e personagens do folclore e da literatura brasileira. As atividades da companhia são focadas na experimentação e na investigação em teatro de sombras, na pesquisa e na produção autoral de espetáculos e performances com temas brasileiros.

² Termo utilizado pela Cia Teatro Lumbra e outros coletivos de diferentes épocas e partes do mundo para diferenciar o artista das sombras dos demais atores do teatro de animação e técnicos teatrais. Durante a execução de uma cena nos espetáculos da Cia, o sombrista é capaz de assumir simultaneamente as funções de ator, iluminador, manipulador, maquinista, operador técnico e contra-regra.

uma ordem, estrutura, método ou planejamento anterior.

Essa me parece ser uma das possíveis dramaturgias no teatro de sombras que idealizo e pratico, por isso, se revelam aos poucos, de maneira incompleta a cada experiência que participo. Minhas afirmações ainda carecem de aprofundamento investigativo para concluir de forma mais abrangente e precisa as variáveis que compõem, restringem ou se fundem nessa arte. No meu entender essas incertezas sobre a imaterialidade da sombra são fundamentais e positivas para a continuidade dos estudos dos grupos que também fazem essas experiências.

A dúvida e a curiosidade se apresentaram como as principais providências no caminho do sombrista investigador. O processo gera resultados, críticas, interesses e novas dúvidas. A curiosidade de outros artistas trouxe a necessidade de formatar as vivências no teatro de sombras. Uma oficina que ministro desde 2004 e que revela, por meio de experiências e a troca de impressões, a profundidade desse terreno cheio de incertezas e necessidades para usar a sombra como uma ferramenta artística. Testar metodologias de reflexão e ensino, com diferentes grupos e interesses, é uma forma promissora de aprender, estudar, examinar, pensar e investigar o assunto. É por meio da generosidade e da escuta que tenho acelerado a continuidade do aprendizado. São ocasiões onde as experiências vividas por outros curiosos me possibilitam entender os diferentes pontos de vista sobre assuntos, permitindo vivenciar e tomar consciência dos detalhes, muitas vezes despercebidos, na elaboração e nos procedimentos das interferências que o artista pode disponibilizar na cena para envolver os sentidos do espectador. Isso me faz pensar que a dramaturgia no teatro de sombras não principia com um texto ou uma ação dramática. Não é responsabilidade apenas do autor ou do narrador. Também não é assunto restrito aos dramaturgos ou aos encenadores. Nem mesmo a técnica e os procedimentos nela envolvidos fazem tudo acontecer no momento certo. As dramaturgias que venho descobrindo nos processos da Cia Teatro Lumbra e nas vivências se desdobram e mostram possibilidades cada vez mais complexas nas suas combinações. Quando observo os últimos quatro anos de estudo

e trabalho penso que essas dramaturgias já não são exclusividade do teatro. Elas constituem um fenômeno de natureza espontânea ou artificial a ser apreciado e desvendado por aquele que contempla o jogo de sombra e luz. Sua sensibilidade consegue perceber valores da sua essência simbólica que o intelecto não alcança de imediato. Tenho chamado isso de deslumbramento, ou seja, o efeito que privilegia a capacidade visual e auditiva dos apreciadores. Tanto pode afetar aquele que assiste ao fenômeno das sombras e luzes em movimento como naquele que produz esse jogo sensorial. O efeito produzido por sombras e luzes abre um canal para a mente acessar a abstrações e isso, quando entendido, experimentado, trabalhado e controlado pelo sombrista, adquire potencialidade expressiva muito grande, capaz de promover uma intensificação das qualidades estéticas, simbólicas e formais das imagens rompendo com convenções mais tradicionais e protocolos técnicos já conhecidos do teatro de sombras. Neste caso, o sombrista pensa além da idealização do certo ou do errado, do melhor ou do pior, e busca valores e resultados significativos que cada um dos elementos pode oferecer para a linguagem da sombra na cena. Isso tem influenciado a Cia Teatro Lumbra e provocado outros artistas a buscar novas referências às dramaturgias no teatro de sombras. Identidades, estilos, estéticas, técnicas e dramaturgias que se fundamentam em conhecimentos transversais de ordem científica, filosófica, histórica, psicológica e porque não, sobrenatural e metafísica?

Acreditando nessa perspectiva, da contribuição de diferentes áreas para produzir imagens e sons no teatro de sombras, o escuro possui uma importância realçada quando é examinado como um elemento primário e com qualidades análogas à da luz. A escuridão exige empenho do artista da sombra para servir de matéria-prima ao seu trabalho. O sombrista exercita a sua sensibilidade para perceber, quantificar, preservar e aceitar essa condição que lhe será favorável na ação criativa. Antes exigirá esforço para controlar artificialmente o escuro nos espaços que pretende trabalhar. Sombristas não se expressarão com tanta desenvoltura em espaços que não ofereçam condições físicas adequadas. O escuro é uma delas. Dessa forma

o escuro, assim como a luz, passa a ter um valor quantificado por sua intensidade ou desvalorizado pelas interferências. São parâmetros que influenciam no pensar, no fazer, no perceber e nos resultados artísticos. A escuridão revela tudo que não pertence a ela. Inevitavelmente todos os tipos de ruído visual ou sonoro na escuridão tornam-se manifestações com algum tipo de valor. Luminosas ou sonoras, as interferências nessa matéria podem ser menos ou mais intensas aos olhos e ouvidos do espectador conforme a configuração dos acontecimentos. Um determinado som ouvido no escuro ou sob forte interferência da luz possui valores diferenciados. No escuro o som de um animal ganha proporções assustadoras no imaginário do espectador. Do mesmo modo a mais ínfima manifestação de luz no escuro pode sugerir uma direção, posição, distância ou o contrário, a perda e a falta dessas referências. Em qualquer dos casos esses efeitos sensoriais nos afetarão com mais intensidade quanto mais profunda for a escuridão. Partindo desse entendimento, a fonte de luz não será apenas uma lâmpada ou uma chama, mas uma manifestação luminosa que macula a escuridão. Qualquer fóton que se desprenda de sua fonte e que seja capaz de ser percebido pelo olho tem um valor significativo. Dessa forma a luz apresenta a sua natureza, intensidade e direção para gerar profundidade, difusidade, cor, ruído visual e sombra.

Entender a luz como energia também implica compreender quais são as suas fontes de alimentação. Se for a eletricidade, decorrerá de uma corrente com tensão que percorrerá cabos, alimentará circuitos até produzir incandescência por meio da resistência de metais especiais que vão gerar calor, luz e conseqüentemente, sombra. Mas se a luz for proveniente de uma fonte combustível, teremos restrições técnicas, cuidados com a segurança e dificuldades no manuseio para lidar com ela na escuridão. Cada escolha do sombrista exige um nível de conhecimento teórico e prático. Isso implica em esforços e tempo. Ocorre o mesmo como as áreas de projeção para a luz e a sombra de uma cena. É necessário entender que são superfícies que absorvem ou refletem a luminosidade. A

partir desse conceito, muito mais simples que a ideia formatada de uma tela feita com um pedaço de pano branco, se revela um universo de matérias e materiais que devem ser pesquisados e podem ser utilizados. As partículas de água, a fumaça, o vidro, o papel, um tecido, sintético ou natural possuem diferentes capacidades de propagar, refletir, dispersar e revelar as ondas luminosas e por isso também de mostrar as sombras. São diferentes matérias e por isso necessitam de estudo e conhecimento técnico para o seu melhor aproveitamento, tanto das qualidades quanto das limitações.

Quando o assunto é a silhueta se faz necessário recuperar o sentido desse termo tomando certa distância de como estamos acostumados a percebê-las na mídia. Geralmente nos chegam aos olhos, por meio de uma representação gráfica ou fotográfica, o perfil de um personagem conhecido utilizando cores contrastantes. Ou uma foto onde a celebridade é iluminada por uma contraluz que mostra o seu perfil nunca revelado antes. É uma ferramenta de linguagem, portanto, é importante vê-la como tal, como objeto, coisa, forma, linha, contraste, luz ou sombra. Silhueta pode ser aquilo que circunscreve uma superfície, uma figura ou o conjunto delas, tornando evidente a sua forma e talvez os seus significados. Quando observamos uma sombra estamos percebendo um contorno, a linha que divide uma área mais iluminada de outra mais escura. A ideia de linha entre o claro e o escuro é a silhueta. Ela pode ser originada pelo corpo ou partes dele, por um objeto, por uma figura, por uma transparência ou por todos esses elementos juntos. Ao criar figuras e interpô-las entre a luz e a superfície para gerar sombra, é inevitável a apropriação de saberes de outras artes e ciências. Muitos princípios e sistemas que são aplicados nas artes plásticas, na fotografia, na arquitetura, no cinema, no design gráfico, na comunicação digital podem servir como referência. Isso torna o ato de desenhar, recortar e projetar uma figura um processo mais complexo, ampliando as possibilidades estéticas e comunicativas da imagem. São conhecimentos que podem qualificar os

procedimentos de materializar ideias com mais economia, síntese e precisão para posteriormente apresentá-las como sequência dramática ao espectador. Um dos sistemas mais eficientes que encontrei e que recorro nos meus trabalhos é a *Gestalt*³.

Citei esses exemplos acima para destacar a importância dos aspectos que alguns elementos conhecidos e usados no teatro de sombras podem possuir. Os desdobramentos de cada um deles, através de uma ótica investigativa exercitada na Cia Teatro Lumbra, me leva a especulações cada vez mais complexas e favorece o entendimento de que as dramaturgias aplicadas no teatro de sombras são merecedoras de um aprofundamento, nos mais variados níveis, abarcando diferentes conhecimentos.

A troca com outros curiosos e profissionais também tem me mostrado que materializar a sombra é algo sofisticado na sua estética e domínio e com uma quantidade espantosa de recursos técnicos específicos e disponíveis para se trabalhar. Creio que é neste ponto que residem as sabedorias mais interessantes sobre a obscura dramaturgia das sombras. É uma arte de limites, de deficiências e de excessos, e por isso é tão exigente e rigorosa com seus protagonistas na mesma intensidade que pode ser deslumbrante para os espectadores.

Apresento a seguir outras indicações e reflexões para a organização do trabalho do sombrista. A ampla dimensão do assunto e a profundidade que se pode alcançar nas pesquisas vão muito além dessas especulações, utilizadas para “sombrotizar”⁴ os estudos, experiências, produções e obras que pesquisei como

³ A Gestalt se refere ao processo de dar forma, de configurar "o que é colocado diante dos olhos, exposto ao olhar". De acordo com a teoria gestáltica, não se pode ter conhecimento do "todo" por meio de suas partes, pois o todo é maior que a soma de suas partes: "(...) "A+B" não é simplesmente "(A+B)", mas sim um terceiro elemento "C", que possui características próprias". (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Gestalt>)

⁴ Conceito que vem sendo investigado pela Cia Teatro Lumbra nas pesquisas sobre as dramaturgias da sombra contemporânea. O termo indica um caminho criativo e de investigação conceituais, técnicas e estéticas para converter determinados signos e fenômenos em recursos narrativos que interfiram dramaticamente no escuro e no silêncio para produzir tensões nas obras.

sombrista e coordeno como diretor. É algo ainda obscuro, mas que procura seu lugar nas sombras da Cia Teatro Lumbra.

Princípios básicos para estruturar e exprimir ideias com as sombras

Os pontos a seguir foram fundamentados sobre incertezas, diferentes opiniões e especulações sobre as sombras como ferramenta expressiva nos procedimentos da Companhia Teatro Lumbra. Procura registrar conceitos, instigar a curiosidade e propiciar uma reflexão sobre a prática dessa arte. São rudimentos que avançam com o tempo, com a experiência.

01- Princípio ordinário da natureza da sombra

A matéria-prima da sombra é a escuridão. A qualidade, a quantidade e a direção da luz que interfere nessa matéria neutra é o que determina as diferentes qualidades físicas e sensoriais da aparição da sombra. A transição perceptível entre o escuro e o claro é a penumbra e as suas diferentes gradações determinam a aparência e a apreciação da sombra.

02- A expressividade da sombra

Toda sombra é sombra de alguma coisa, mas nem por isso expressará algum significado. A sombra pode ser apreciada na natureza ou na forma de artifício produzido, evocando ou não significados. A imagem expressiva da sombra depende da contemplação do espectador quando percebe alguma manifestação emotiva, valores estéticos e significativos. São sentimentos e pensamentos provocados ou sugeridos pela projeção da luz sob um corpo que revela a sombra de forma a ser percebida visualmente. Possuirá qualidade simbólica na medida em que expressa formalmente o que o seu criador pretende transmitir e alcança força comunicativa para ser decodificada pelo receptor conforme a sua cultura e a sua sensibilidade. A propriedade expressiva da sombra artística se dá por meio da composição da imagem da sombra e da luz utilizando recursos de estruturação harmônica (fator de conforto visual que torna

a imagem agradável aos olhos e passível de ser lida), pela pregnância (poder de atração visual por contraste entre o claro e o escuro) e clareza (independente de ser simples ou complexa, procura evidenciar o conteúdo significativo da forma planejada para ser compreendida pela contemplação).

03- Rudimentos para fazer da sombra uma ferramenta expressiva

É fundamental obter uma qualidade mínima de penumbra no ambiente. A escuridão produzida deve ser suficiente para que a potência da fonte luminosa evidencie, o máximo possível, o contraste entre o claro e o escuro. A fonte de luz, com qualquer potência precisa ser maior que as possíveis interferências luminosas indesejáveis, para evitar ruídos visuais que perturbem e comprometam a ordem, a composição e a compreensão das imagens e sombras. A superfície para a projeção, a matéria do qual é feita essa superfície, seu tamanho e localização espacial implicam diretamente no resultado visual da luz e da sombra. Um obstáculo físico qualquer entre a fonte luminosa e a superfície, seja qual for a natureza do obstáculo projeta o contorno desse obstáculo, indicada pelo contraste entre claro e o escuro. Isso determina a leitura da forma e do conteúdo simbólico dessa sombra

04- Teatro ou espetáculo de sombras

É a encenação através da linguagem das sombras para ser apresentada diante de um público, independentemente do estilo, dos recursos técnicos ou do espaço. Necessariamente exige que seja ao vivo e possua uma formalidade teatral mínima, onde a percepção da sombra se faça através da emissão consciente do transmissor (ator) e a captação visual do receptor (espectador).

05- Dramaturgias e narrativas da sombra

Combinam-se de formas múltiplas e complementares. Englobam outros gêneros, diferentes técnicas artísticas e procedimentos para contar, planejar e representar uma cena com a linguagem do teatro de sombras. Necessitam de variados recursos técnicos específicos para transformar uma ideia em argumento

e materializá-la na cena. Formalizadas com uma configuração simples ou complexa, precede da apreciação e da leitura do espectador para evidenciar o estilo narrativo, personagens, conflitos e a condução do drama. A organização poética dos elementos compositivos provocadores de interesse aos sentidos do espectador e a percepção de um drama como elemento de desequilíbrio pode lhe conferir características de obra cênica ou espetáculo. Existem várias formas de narrar ou encenar, portanto isso indica que pode não existir uma única dramaturgia. Sendo assim, é possível divagar, ampliando esse conceito de drama, criando argumentos, justificativas, metáforas e conexões simbólicas que agreguem força dramática na ideia, no procedimento, na matéria-prima, no recurso tecnológico, no movimento, no corpo, ou seja, em tudo que a imaginação e a criatividade abarcarem para provocar algum tipo de leitura ou sensação. Existindo tensão e conflito haverá drama e, conseqüentemente, propriedades dramáticas. Essa qualidade pode principiar na observação das sombras na natureza, nas pesquisas de laboratório, nos procedimentos de oficina, na improvisação de uma cena ou na percepção de valores estéticos de uma fotografia ou vídeo. A percepção das relações e metáforas durante os procedimentos, tais como o corte de um material para fabricar uma figura ou no rompimento de uma determinada linha, real ou imaginária servem como ponto de digressões que originam outros entendimentos sobre a natureza da sombra e revela verdades escondidas que podem servir como elemento da cena tornando-se parte significativa do drama.

06- Teatro de sombras e teatro com sombras

Um espetáculo “com” sombras é teatro, mas não é necessariamente “de” sombras. A sombra ocasional, sem consciência, não explorada teatralmente, com o objetivo de produzir efeito visual, possui valores contemplativos e até dramáticos. Pode até insinuar ao espectador algum tipo de imagem poética em que a efêmera imagem da sombra apresente uma relação de choque ou enfrentamento com a realidade daquilo

que a origina. Porém, o principal diferencial desse recurso como linguagem é que a sombra de um personagem ou coisa nunca ficará na condição de coadjuvante ou como mero efeito em um espetáculo de teatro de sombras. A preposição “de” está relacionando à sombra como origem, ponto de partida desse gênero de teatro, portanto tudo e todos estarão subordinados a ela. Independente da obra, uma cena “com” sombras pode não ser uma cena “de” sombras, mas o contrário é possível.

07- A técnica e o gênero do teatro de sombras

São entendimentos diferentes que influenciam diretamente no processo investigativo durante o aprendizado. O gênero contém a técnica, que estará ao seu serviço. A técnica na arte do teatro de sombras é configurada como a soma dos detalhes que envolvem a sua execução. É um procedimento estudado, uma indicação sobre a maneira de fazer e de como proceder para alcançar um resultado. Constitui um conjunto de métodos e processos que tornam o técnico envolvido em um especialista no assunto. Os técnicos dependem dos procedimentos e dos materiais envolvidos na execução de suas tarefas. O gênero engloba as propriedades comuns de um assunto ou de um grupo. No teatro de sombras ele abrange o todo, incluindo as técnicas utilizadas na sua execução, as diferentes classificações e as semelhanças com outros gêneros. É a maneira de ser ou de fazer. É o entendimento de que a sombra é um recurso de comunicação de signos dentro de uma categoria artística que lida com a imagem. O entendimento e a amplitude que o gênero do teatro de sombras abre cognitivamente na experiência prática do aprendizado e da pesquisa possibilitam a interação, com variadas intensidades e em múltiplas direções, dos recursos mais simples com outros campos do conhecimento, afetando e sendo afetado por outros gêneros. Essas interações são promotoras de novas pesquisas e experiências resultando em diferentes dramaturgias. O aprofundamento e o investimento nessas dramaturgias de gênero híbrido colaboram para a valorização da criatividade e originalidade possibilitando a produção de obras

complexas. Neste caso, onde o experimentalismo é a tônica da encenação, a concisão com relação aos valores da sombra como elemento narrativo e dramático tem grande importância para indicar o final do processo de montagem e dar acabamento ao espetáculo.

08- Rudimentos da exploração da sombra como ferramenta expressiva

- Observação e exploração visual atenta e ininterrupta do comportamento e da natureza da luz e da sombra em suas condições presumíveis de inércia ou movimento, no ambiente, no cotidiano, no laboratório de pesquisa, nas improvisações, nos ensaios e nos espetáculos para exercitar a consciência dos sentidos aplicados aos fenômenos imagéticos do universo da sombra.

- Reflexão, intuição, experimentação são pontos de partida para as investigações. Sensibilidade e capacidade apurada para decompor, comparar e registrar mentalmente aquilo que é percebido são premissas básicas para se expressar com esse gênero. São entendimentos que pouco tem a ver com fascínio ou talento artístico. O combustível do sombrista investigador é a curiosidade e o seu trabalho é teatralizar suas descobertas.

- Raciocínio lógico sobre o assunto de que se está tratando e consciência analítica apurada são imprescindíveis para reconhecer qualidades e defeitos na exploração artística. Decifrar as manifestações simbólicas da arte das sombras é um exercício que exige sensibilidade e distanciamento técnico para ocupar a posição de um espectador imaginário sem deixar de lado o exame minucioso dos elementos significantes que a obra pretende alcançar. A sombra já possui em sua natureza um alto grau de abstração e sugestibilidade capazes de influenciar nosso inconsciente, portanto são nos sinais mais sutis que se verificam as imagens com potencial poético. Mesmo nos processos despreziosos, comuns aos temas livres e processos de improvisação, é necessário desenvolver a reflexão, o senso crítico e a dedução para respaldar as escolhas cênicas. O valor de explorar um terreno desconhecido

é conseguir sentir-se à vontade para transitar, guiar outros curiosos pelos diferentes caminhos descobertos, e aceitar as críticas até alcançar os objetivos propostos.

- Registrar o processo demarca o caminho traçado na exploração. Todo apontamento, escrito ou gráfico, por mais inocente que pareça, é parte de um todo que o explorador poderá organizar como fonte de informação e consulta pessoal e também para outros que queiram se beneficiar. Quanto mais profunda a pesquisa, mais detalhado será o projeto, produzindo maior quantidade de material e referências, resultando no armazenamento de conhecimentos e referências diversas para novas investigações. O aprofundamento e registro na pesquisa podem vir a ser um importante patrimônio tanto para o artista que busca a ousadia e a originalidade em suas obras autorais como para outros pesquisadores.

- Generosidade colabora com o trabalho de pesquisa. Todo o conhecimento pode ser compartilhado independente do estágio em que o curioso se encontra ou das descobertas que o pesquisador avançado realiza. Algumas descobertas são restritas ao entendimento de cada pesquisa e muitas vezes o intercâmbio de informações entre diferentes pesquisadores é regido pelo nível de aprofundamento e afinidade que os interlocutores possuem. Abrir espaços para o compartilhamento geralmente traz benefícios.

- Planejamento e rigor no processo são fundamentais para colocar em prática ideias criativas complexas transformando-as em obras de arte com sombras.

- Composição de cenas com sugestões claras e simples colabora para que a criatividade encontre naturalmente caminhos e possibilidades mais complexas. Muitas vezes, o desembaraço técnico com a própria linguagem é que irá guiar ou censurar os devaneios criativos do encenador.

- Verificamos em diferentes procedimentos que criações de cenas curtas e objetivas são mais adequadas para informar algo, direcionar a atenção e sustentar a expectativa do espectador. Além

disso, são mais simples de serem produzidas, podem se articular com outras cenas, formando sequências mais complexas, possibilitando ao diretor um maior controle e organização sobre o todo.

- Ações corporais de pantomima ou mímica, geralmente, são redundantes quando interpretadas ou assistidas em cenas de teatro sombras. São recursos corporais que fazem parte de outra linguagem teatral, com gestos mais descritivos, muitas vezes desfavoráveis a subjetividade da linguagem da sombra e da interpretação do espectador. O corpo em sombra está muito próximo do gestual da dança, com valores simbólicos específicos onde a qualidade gestual, o comportamento e as dinâmicas oferecem potenciais diferenciados para expressar significados e metáforas.

Esses são alguns princípios que a Cia Teatro Lumbra vem utilizando nos estudos para formar diferentes pontos de conexão com outros princípios, portanto necessitam de avaliações sistemáticas e estão em constante aprimoramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Ana Maria. *Teatro de Animação*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997.
- BIGARELLA, Fabiana. *Sombraterapia - Plantando sombras, Colhendo luzes: Vivência com teatro de sombras*. Investigação teórica, prática, intensiva e reflexiva sobre sensibilização dos sentidos. Trabalho de conclusão de Curso Especialização em Arteterapia. Centro de Estudos em Arteterapia, Psicologia e Educação - CENTRARTE: Porto Alegre, 2009.
- CASATI, Roberto. *A descoberta da sombra – De Platão a Galileu, a história de um enigma que fascina a humanidade*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- EISENSTEIN, Sergei. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

- FÁVERO, Alexandre. *Dramaturgia da Sombra - Conceitos, técnicas e estética na arte criativa do teatro de sombras*. Porto Alegre: FUMPROARTE - Prefeitura de Porto Alegre, 2012.
- FILHO, João Gomes. *Gestalt do Objeto – Sistema de Leitura Visual da Forma*. São Paulo: Escrituras Editora, 2000.
- MUNARI, Bruno. *Das coisas nascem coisas*. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1998.
- RABIGER, Michael. *Direção de Cinema – Técnicas e estéticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2007.